

# GUERRA E REVOLUÇÃO

(Trechos de *A Revolução Desconhecida*)

Vsevolod Volin

## O ÚLTIMO CONFRONTO ENTRE O CZARISMO E A REVOLUÇÃO

Como nos governos de outros países, o czar conseguiu despertar nas massas, no início da guerra, toda a gama de maus instintos, de paixões, devido ao atavismo animal, de sentimentos nefastos, tais como o nacionalismo e o patriotismo. Na Rússia, assim como em outros lugares, milhões de homens foram enganados, iludidos, fascinados e forçados a fugir para as fronteiras, como um rebanho de gado para o abate.<sup>1</sup>

Os problemas reais e graves foram abandonados e esquecidos. Alguns triunfos obtidos no início pelas tropas russas aqueceram ainda mais “o grande entusiasmo do povo.” No entanto, uma nota particular se misturava neste concerto artificial e dirigido; uma ideia bem firme se ocultava por trás desse entusiasmo. No meio do povo se dizia: “O exército lutará e vencerá. Mas, que não se engane o governo! Terminada a guerra, vamos apresentar a conta. Em recompensa de nossa lealdade e de nossos sacrifícios, vamos exigir a mudança definitiva de regime. Vamos reivindicar nossos direitos, nossa liberdade...” Enquanto isso, os soldados sussurravam. “Depois da guerra, vamos manter as armas a todo custo.”<sup>2</sup>

Mas logo mudou a paisagem na Rússia. As derrotas começaram e, com elas, voltaram suas preocupações, desilusões, o descontentamento e a raiva do povo. A guerra custou caro em dinheiro e em homens. Milhões de vidas foram sacrificadas sem qualquer utilidade, sem a menor compensação.<sup>3</sup> O regime voltou a demonstrar a sua incapacidade, a sua corrupção, sua falência. Além disso, algumas perdas, que custaram muitas vítimas, foram inexplicáveis, misteriosas e suspeitas. Em todo o país, muito em breve se falou, não só das negligências criminais e da incapacidade flagrante, mas da

---

<sup>1</sup> N.T: Segundo Nicolau Golovine, antigo general do exército branco, estima que 1.300.000 soldados foram mortos; 4.200.000 feridos, destes 350.000 morreriam mais tarde por causa dos ferimentos e 2.400.000 foram aprisionados., dando um total de 7.900.000.

<sup>2</sup> N.T: A Primeira Guerra teve, entre as suas principais causas as relações políticas das potências imperialistas da Europa, como o Império Alemão, Império Austro-Húngaro, Império Otomano, o Império Britânico, a Itália, a França e o Império Russo. Logo após o término da guerra, o Império Alemão, Russo, Austro-Húngaro e Otomano já não existiam mais.

<sup>3</sup> N.T: Até fevereiro de 1917, o exército russo já se encontrava totalmente na ruína, com cerca de 5 milhões de soldados inativos, tidos como mortos, feridos, doentes ou prisioneiros de guerra.

venalidade das autoridades, da espionagem no comando supremo, da origem alemã da dinastia e dos muitos chefes e, finalmente, da alta traição na própria corte. Acusavam-se os membros da família imperial de alimentar simpatias pela causa alemã, de entender-se até mesmo diretamente com o inimigo.

A imperatriz era chamada, com ódio e desprezo de: o *Boche*.<sup>4</sup> Rumores alarmantes, sinistros, circularam no meio do povo. A corte estava um pouco perturbada; depois tomaram algumas medidas, tardiamente e sem jeito. Tomadas apenas por fórmulas, se mostraram ineficazes, não satisfazendo ninguém e nada consertaram. Para reviver a moral das tropas e do povo, o mesmo Nicolau II assumiu o comando supremo, pelo menos nominalmente.<sup>5</sup> Foi em frente, mas isso não mudou nada a situação geral que piorava dia a dia e em relação ao qual o próprio czar, absolutamente incapaz e inativo, era impotente. Tudo se desintegrava: o exército e o interior do país. Muitos complôs em círculos liberais foram incentivados, e mesmo entre amigos próximos aos grupos do czar. A possibilidade de fazer abdicar em favor de um monarca mais em sintonia com a situação e mais popular foi considerada: o do Grão Duque Nicolas, tio do czar, por exemplo, “para salvar a guerra e a dinastia”, cuja queda iminente todos pressentiam.

Começou por suprimir o nefasto Rasputin. Mas de todo o resto ele hesitou, e se adiou; os conspiradores não chegaram a um acordo. Finalmente, veio a explosão repentina de fevereiro. Não era tanto a agitação militar e os rumores de traição e atitudes da corte, nem mesmo do fracasso e da impopularidade do czar que exasperavam as massas e fizeram transbordar o copo; foi, acima de tudo, a desorganização completa da vida econômica, ao longo da vida, ou seja, no interior do país. “A desorganização é tal” - confessava o ministro Krivoshein, falando sobre a administração e de todos os serviços de que o Estado parecia mais como um hospício. Nesse sentido, a impotência do governo e os efeitos desastrosos do seu comportamento levaram as pessoas a tomarem medidas urgentes e decisivas.

Todos os países beligerantes sofreram dificuldades econômicas e financeiras pesadas, tendo de alimentar e manter milhões de homens na imensidão das frentes e garantir a vida normal no interior. Em todos os lugares esta dupla tarefa exigia um

---

<sup>4</sup> N.T: Nas manifestações, as multidões gritavam: “*Abaixo a mulher alemã! Abaixo Protopopov! Abaixo a guerra!*” TAMES, Richard (1972) em “Last of the Tsars: The Life and Death of Nicholas and Alexandra”

<sup>5</sup> N.T: Nicolau II, era oficialmente o “Imperador e Autocrata de Todas as Rússias”. Desastrosamente, deu o passo fatal de confirmar a ordem de avançar o exército para a fronteira o que foi caracterizado como mobilização de guerra. Foi declarada abertamente contra o Império Alemão e sofreu inúmeras derrotas.

grande esforço - mesmo na Alemanha, onde a situação era particularmente difícil - mas foi resolvida mais ou menos bem. Na Rússia nada se soube prever, nem prevenir ou organizar.<sup>6</sup>

Os terríveis efeitos deste colapso total da autoridade e do Estado teria se manifestado antes, se os esforços de algumas forças no país, incluindo a União das Cidades, o Comitê da Indústria da Guerra e outros, surgidos por iniciativa própria, não tivessem chegado a fornecer parcialmente as necessidades mais prementes do país e do exército.

A atividade energética e eficaz dessas instituições, bem como das assembleias provinciais e das municipais, se desenvolvia e se impunha por si mesmas, contra as leis e resistências burocráticas, e também fornecia um resultado moral importante. No exército e no interior do país podiam ser vistos não só a falência total dos czares, mas também a presença de elementos perfeitamente capazes de substituí-lo, de maneira ridícula com que o regime moribundo, perturbando esses elementos, tratava a sua ação, arrastando assim todo o país para a catástrofe.

O povo e o exército viam que eram esses comitês e essas associações livres os que, por sua iniciativa leal, asseguravam a produção, organizavam o transporte, vigiavam os armazéns, garantiam a chegada e a distribuição de alimentos e munição. E também eles verificavam como o governo se opunha a esta atividade indispensável e a impedia, sem qualquer preocupação com os interesses do país. Esta preparação moral do exército e do povo para a queda do czarismo e da sua substituição por outros elementos foi de grande importância, pois coroou o processo pré-revolucionário.

Em janeiro de 1917 a situação tornou-se ostensiva. O caos econômico, a miséria do povo trabalhador e a desorganização social chegaram a um ponto tal que os habitantes das grandes cidades, especialmente em Petrogrado, começaram a carecer de combustível, roupas, carne, manteiga, açúcar e até mesmo pão.

Em fevereiro, a situação piorou ainda mais. Apesar dos esforços da Duma, as Assembleias Provinciais, municipais, comitês e sindicatos, não só a população das cidades foi confrontada com a fome, mas a provisão do exército tornou-se muito pobre. Ao mesmo tempo, o desastre militar estava completo. A burguesia, débil, desorganizada e mantida completamente fora das relações do Estado, não tinha iniciativa, não possuía

---

<sup>6</sup> N.T: Em agosto de 1914, a Rússia entrava na guerra totalmente despreparada. Por outro lado, a Alemanha detinha dez vezes mais estruturas ferroviárias do que os russos, além de uma indústria de guerra muito superior a estes últimos.

força efetiva, nem cumpria nenhum papel organizador na economia nacional; o operário e o camponês, escravos sem voz ou direitos, eram menos do que nada na organização econômica do país e ridicularizavam abertamente o Estado czarista. Assim, todo o mecanismo político, econômico e social, se encontrava de fato, nas mãos da classe dos oficiais czaristas. Desde que a guerra enganou essas pessoas e desordenou seu mecanismo senil, tudo ruiu. São Petersburgo passou a chamar-se Petrogrado, de 1914 até 1924.<sup>7</sup>

No final de fevereiro, era absolutamente e definitivamente impossível, tanto material como moralmente, continuar a guerra. Para a população trabalhadora era igualmente impossível adquirir alimentos.<sup>8</sup> O czarismo desentendia-se com tudo. Teimosamente insistia em ligar a máquina velha, completamente decomposta. E por meio de remédios que recorria, como de costume, a repressão, a violência contra os homens ativos ou militantes de partidos políticos. A impossibilidade de continuar a guerra, a fome e a estupidez do czar, fez explodir a revolução, dois anos e meio depois do “grande entusiasmo”.

Em 24 de Fevereiro começaram os tumultos em Petrogrado. Causados principalmente pela falta de alimentos, não parecia que eles fossem piorar. Mas no dia seguinte, 25 de fevereiro de 1917 (calendário antigo), os eventos recrudesceram; os trabalhadores da capital, mostrando solidariedade com todo o país, em extrema agitação durante semanas, morrendo de fome, mesmo sem pão, tomaram as ruas e se recusaram a dispersar. Este primeiro dia, no entanto, as manifestações permaneceram cautelosas e inofensivas. Em massas compactas, os trabalhadores, com as suas mulheres e crianças, encheram as ruas gritando: “Pão! Pão! Não temos para comer! Alimente-nos ou fuzile todos nós! Nossas crianças estão morrendo de fome! Pão! Pão!”

O governo imprudente enviou contra os manifestantes a polícia, destacamentos de soldados e cossacos a cavalo. Mas havia poucas tropas em Petrogrado, exceto dos reservistas inseguros. Além disso, os trabalhadores não se encolheram e ofereceram aos soldados os seus peitos, levaram seus filhos em seus braços e gritavam: “Matem-nos, se vocês quiserem! É melhor morrer de uma bala ferida do que de fome!...” Os soldados, com o sorriso nos lábios, trotavam cautelosamente por entre a multidão, sem o uso de suas armas, sem ouvir as ordens dos oficiais, que tampouco insistiam. Em alguns

---

<sup>7</sup> N.T: Por sua vez, foi chamada de Leningrado até 1991.

<sup>8</sup> N.T: A crise de fome se estendia até 1922, quando os números falam de 11,5 milhões de pessoas, crianças e adultos, em situação de extrema pobreza.

lugares, os soldados confraternizaram com os trabalhadores, chegando a entregar seus rifles, se misturando com as pessoas. Esta atitude das tropas encorajaram as massas. No entanto, em certos pontos, a polícia e os cossacos enfrentaram grupos de manifestantes com bandeiras vermelhas. Houve mortos e feridos. Nos quartéis da capital e dos subúrbios ainda os regimentos de guarnição estavam relutantes em aderir à revolução. O governo também hesitava em mandá-los lutar.

Em 26 de fevereiro, pela manhã, o governo decretou a dissolução da Duma. Era como o sinal, que todos pareciam esperar por uma ação decisiva. A novidade, conhecida em todos os lugares ao mesmo tempo, incentivou a luta; as manifestações se transformaram revolucionárias.

“Abaixo o czarismo! Abaixo a guerra! Viva a Revolução!” Eram os gritos que saíam da multidão, que por sua vez adotavam uma atitude cada vez mais decisiva e ameaçadora. Começaram a atacar a polícia; muitos prédios do governo foram incendiados, incluindo o do Palácio da Justiça. As ruas se cruzavam com barricadas e logo apareceram inúmeras bandeiras vermelhas. Os soldados ainda estavam em sua neutralidade benevolente, mas cada vez mais se misturavam com a multidão. O governo podia contar cada vez menos com eles.

Em seguida, lançou contra os rebeldes todas as forças policiais na capital. A polícia formou rapidamente destacamentos de ataque em massa: eles instalaram metralhadoras nos telhados das casas e em algumas igrejas, ocupando todos os pontos estratégicos, então começaram uma ofensiva geral contra as massas insurgentes.

A luta foi feroz durante todo o dia de 26 de fevereiro. Em muitas partes a polícia foi expulsa, os seus agentes mortos e suas metralhadoras silenciadas. Mas apesar de tudo, ela resistiu tenazmente. O czar, em seguida, no fronte, foi prevenido telegraficamente da gravidade dos acontecimentos. Enquanto esperava, a Duma decidiu declarar-se em sessão permanente e não ceder às tentativas de dissolução.

## **RUMO À REVOLUÇÃO SOCIAL**

O governo interino e os problemas da revolução: o governo provisório formado pela Duma era burguês e conservador. Seus membros, o príncipe Lvov, Guchkov, Miliukov e outros, pertenciam (exceto Kerensky, vagamente socialista), politicamente ao Partido Constitucional Democrático, e socialmente às classes privilegiadas. Para eles, derrotado uma vez o absolutismo, a revolução estava acabada. Realmente não tinha nem começado. Agora se tratava de “restaurar a ordem” para melhorar gradualmente a

situação geral no interior do país, no fronte, permitindo que mais do que nunca as operações militares tivessem novo ímpeto e, acima de tudo, preparassem tranquilamente a convocação da Assembleia Constituinte, que devia estabelecer novas leis fundamentais, o regime político, o sistema de governo. As pessoas deveriam esperar pacientemente, como crianças obedientes, favorecer seus novos patrões. Eles conceberam o governo interino como bons burgueses moderados, cujo poder não teriam nada a invejar a outros países civilizados.

Os objetivos políticos do governo interino não iam além de uma boa monarquia constitucional. Na verdade, alguns de seus membros estavam vislumbrados, talvez timidamente, com uma república burguesa muito moderada.

O problema agrário era questão operária deveria ser resolvida pelo futuro governo definitivo, de acordo com os modelos ocidentais, que “tinham sido aprovados”.

O governo provisório foi mais ou menos certo de usar o período de preparação, estendendo-o convenientemente para diminuir à calma, à disciplina e à obediência das massas, no caso em que elas chegassem a se manifestar muito violentamente no seu desejo de flanquear os limites. Tratava-se de garantir, através de manobras políticas, eleições normais que resultassem no tempo desejado, em uma Assembleia Constituinte criteriosa e obediente; e é claro, burguesa. Os realistas, os políticos experientes, acadêmicos, economistas e sociólogos, foram enganados em suas previsões e cálculos.

Eles não viam a realidade. Lembro-me de assistir em Nova Cork, em abril ou maio de 1917, uma grande palestra russa dada por um professor honrado que fez uma análise copiosa da provável composição e da ação da próxima Assembleia Constituinte. Formulei para esse professor uma única pergunta: “O que ele previa no caso de que a Revolução Russa dispensasse uma Assembleia Constituinte?” Muito desdenhosamente, e, ironicamente, o eminente professor respondeu que “ele era um realista, e eu certamente seria um anarquista, cuja hipótese fantástica não estava interessado.” O futuro logo mostrou que o professor aprendeu que estava errado e que ele magistralmente foi, precisamente, o fantasista. Em sua exposição de duas horas ele só tinha omitido considerar uma eventualidade, o que só se tornou realidade, alguns meses depois.

Em 1917 os senhores realistas, os políticos professores, escritores, russos e estrangeiros, com raras exceções, desdenhosas e magistralmente falharam em prever o triunfo do bolchevismo na Revolução Russa. Triunfante o bolchevismo, muitos deles não tinham vergonha de admitir, que estavam interessados a lidar com ele. Eles

admitiram até o seu “grande significado positivo” e o “seu triunfo definitivo mundial”, errando novamente com maestria.

Com o mesmo realismo, a mesma clarividência, o mesmo desdém inicial, e a mesma habilidade mais tarde, estes senhores não previram o tempo, e depois aceitaram o verdadeiro e definitivo triunfo da ideia libertária na revolução social global.

O governo provisório não estava ciente dos obstáculos intransponíveis que foram fatalmente apresentados. O mais importante de tudo era a natureza dos problemas que tiveram de enfrentar antes da convocação da Assembleia Constituinte. Não se contemplava de qualquer modo que o povo trabalhador pudesse não querer esperar esta chamada, como estava totalmente dentro de seus direitos.

Em primeiro lugar, o problema da guerra. As pessoas, desiludidas, exaustas, continuavam a guerra sem entusiasmo, dissociando-se completamente dela. O exército chegou aos frangalhos por causa do estado miserável em que o país estava por causa da revolução.

Duas soluções apresentaram-se: parar a guerra, concluir uma paz em separado, desmobilizar o exército e decisivamente lidar com os problemas internos; ou fazer o impossível para manter a frente, salvaguardando a disciplina das tropas e continuar a guerra a todo custo até a convocação da Assembleia Constituinte.

A primeira solução era inaceitável para um burguês, patriótico, aliados a outros beligerantes, que consideravam uma desgraça nacional a eventual quebra deste governo de aliança. Além disso, como governo interino, era forçado a seguir rigorosamente a fórmula: sem grandes mudanças antes da convocação da Assembleia, que terá plenos poderes para tomar qualquer decisão.

Por isso, o governo provisório adotou a segunda solução impraticável nas condições existentes. Ressalta-se que a obstinação do governo czarista para a continuação da guerra, foi a causa imediata da revolução. Qualquer governo que não o fizesse seria logicamente demolido como foi o czar.

Certamente o governo provisório tinha a esperança de acabar com o caos e reorganizar o país. Puras ilusões! Nem o tempo disponível, nem a situação geral, nem a indiferença das massas o permitiam.

A máquina do Estado burguês foi quebrada na Rússia em fevereiro de 1917. Os seus objetivos e as suas atividades foram sempre contrárias aos interesses e aspirações do povo. Tendo este se apropriado de seu próprio destino, não poderia ser reparado e ser colocado em execução. É o povo, obrigado ou livre, e não os governos, que fazem ou

desfazem a máquina do Estado, e como este povo, livremente, se desentendeu em finalidades que não eram as suas, era necessário substituir o aparato destruído por outro adaptado à nova situação, em vez de perder tempo e energia em vãs tentativas de repará-lo.

O governo nacionalista burguês insista em manter a máquina e a guerra, herança do regime deposto. Assim, tornava-se cada vez mais impopular e se encontrava impotente para impor sua vontade de guerra.

Este primeiro problema, o mais sério e importante, ficava impossível para o governo provisório solucionar. O segundo problema espinhoso era a questão agrária. Os camponeses, 85% da população aspirava em possuir a terra. A revolução deu um impulso irresistível a essa aspiração. Reduzidos à impotência, explorados e enganados por séculos, os camponeses não queriam esperar mais. Precisavam da terra, imediatamente e sem outras formalidades.

Em novembro de 1905, no congresso do campesinato convocado após o Manifesto de 17 de outubro, quando ainda havia liberdades, para a convocação da Duma, muitos delegados expressaram sua opinião sobre essa aspiração.

“Qualquer referência a um resgate de terras” - disse no Congresso, o delegado do campesinato da região de Moscou –

me revolta. Tenta-se compensar os proprietários de escravos de ontem e ainda de hoje, que, auxiliados por funcionários, tornam nossa vida uma verdadeira pista de obstáculos. Nós não somos aqueles que já compensamos com arrendamento? Impossível contar as toneladas de sangue que regamos a terra... Com o leite de seus seios, nossas avós levantaram cães de caça para estes senhores. Não será resgate suficiente? Durante séculos não temos sido nada mais do que grãos de areia soprados pelo vento. E o vento era eles. E agora, temos que pagar-lhes de novo? Oh, não! Não são necessárias negociações diplomáticas; a única via boa é a revolucionária. Caso contrário, seremos enganados novamente. Basta falar do suposto resgate e compromisso. Camaradas, não voltem para o erro de seus pais! Em 1861, nossos senhores eram mais espertos do que nós e nos pegaram com pouca coisa para impedir que o povo tomasse tudo. Nós nunca lhes vendemos a terra - diziam os camponeses da região de Orel; não temos pois que resgatá-la. Nós já pagamos o suficiente, trabalhando por salários de fome. Não, de modo algum pagaremos resgate! Os senhores não trouxeram das suas terras da lua; seus avós já tinham tomado conta delas!

Um socorro seria uma injustiça flagrante frente ao povo - diziam os agricultores da região de Kazan -; teria de ser devolvida ao povo não só a terra, mas os arrendamentos pagos. Porque estes senhores nunca adquiriram a terra; eles conseguiram agarrá-la para vendê-la mais tarde. Isso é roubo.



“Como” - diziam os camponeses ao eminente estudioso N. Rubakin<sup>9</sup> entre 1897 e 1906 - “todos esses senhores: Orlov, Demidov, Balashov receberam as suas terras gratuitamente de czares e czarinas como um presente? E agora nós temos que pagar o resgate! Esta é a injustiça e franca rapinagem!”

Os camponeses não queriam esperar mais tempo e se apropriavam rapidamente das terras, expulsando violentamente os proprietários que ainda não haviam fugido. Assim, o problema agrário era resolvido por sua própria iniciativa, sem se preocupar com deliberações, maquinações e decisões do governo ou da Assembleia Constituinte.

O exército, na sua maioria de camponeses, estava pronto para apoiar esta ação direta. O governo provisório se viu encurralado: ou se dobrava ou resistia em luta aberta contra os camponeses em revolta e contra o exército. Adotou, portanto, a tática de se manter a expectativa, como no problema da guerra. Manobrando com habilidade e inteligência, exortaram aos camponeses que esperassem a Assembleia Constituinte, que poderia estabelecer qualquer lei e dariam satisfações aos camponeses. Mas os seus apelos foram em vão; esta tática não estava prosperando. O camponês não tinha confiança nas palavras dos homens no poder. Ele tinha sido enganado o suficiente para não acreditar mais em palavras; agora ele se sentia forte para tomar a terra, o que era justo. E se ele ainda hesitava, era apenas por medo de ser punido na proporção do cometido.

O problema operário era tão insolúvel para um governo burguês como o dos camponeses. Os trabalhadores tentaram obter o bem-estar máximo da revolução e de direitos. E o governo se esforçava para minimizá-los. Lutas imediatas e muito graves eram previsíveis sobre este campo de batalha. E quais meios tinha o governo provisório para afirmar a sua tese?

O problema puramente econômico era também dos mais difíceis, porque, intimamente ligado a outros problemas, não poderia sofrer qualquer atraso. Durante a guerra e a revolução, em uma situação caótica e um país em ruínas, era necessário organizar a produção novamente, os transportes, o comércio e as finanças.

Finalmente, o problema político não apresentava nenhuma solução admissível. O governo provisório devia convocar, assim que possível, a Assembleia Constituinte. Mas, para muitas razões, foi adiado; deve necessariamente temer esta Assembleia e o

---

<sup>9</sup> Nikolai Rubakin (1862-1946) foi um professor, bibliógrafo e escritor russo.

seu desejo interior era o de adiar a chamada para economizar tempo e instalar, por sua vez, por um golpe de mão feliz, uma monarquia constitucional. Enquanto na espera, outros obstáculos perigosos foram-lhe apresentados.

O mais grave foi a ressurreição dos soviets operários, especialmente o de Petrogrado. Este retornou à atividade nos primeiros dias da revolução, pela tradição e também, como em 1905, na ausência de outras organizações trabalhistas. Foram manipulados pelos socialistas moderados, mencheviques e socialistas revolucionários de direita; no entanto, sua ideologia e seu programa eram absolutamente contrários aos projetos do governo provisório; a influência moral e a atividade do Soviete de Petrogrado levou-o rapidamente a rivalizar com o governo em detrimento deste último.

O Soviete de Petrogrado foi um segundo governo; dava a tônica para a vasta rede de soviets da província e coordenava a sua ação. Apoiando-se em toda a classe trabalhadora do país, rapidamente tornou-se poderoso. Ele mesmo adquiriu uma influência crescente sobre o exército. Logo, as ordens e as instruções dos soviets começaram a ser impostas ao governo interino, que foi obrigado a levá-las em conta.

O governo tinha preferido fazer-lhe a guerra, mas para iniciar tal ação, contra os trabalhadores que haviam se organizado um dia depois de uma revolução que proclamava a liberdade absoluta de expressão, de todas as organizações, toda a ação social, era coisa impossível. E, além disso, sobre qual força efetiva poderia ser apoiada para continuar essa luta? Contava com nenhuma.

O governo se viu, portanto, obrigado a simular complacência e tolerar o seu temível rival e até mesmo flertar com ele; aquele não se enganava sobre as fragilidades das simpatias que se mostravam os trabalhadores e o exército e entendiam que, ao primeiro conflito, estas duas forças decisivas infalivelmente seriam colocadas ao lado dos soviets. O governo esperava... como em tudo.

Ele estava tentando ganhar tempo. Mas este segundo diretório, não oficialmente, tão desconfortável, e que precisava ser tratado, foi um dos maiores obstáculos que se opunham a ele. A crítica violenta, a propaganda vigorosa de todos os partidos socialistas e, acima de tudo, os elementos da extrema esquerda (social-revolucionários de esquerda, bolcheviques e anarquistas) também foram não eram negligenciáveis. Não eram possíveis as medidas repressivas contra a liberdade de expressão. Que as teria executado?

Mesmo a poderosa burguesia, disciplinada, adestrada em mais de uma batalha contra os elementos adversos, com a força do exército, da polícia e do dinheiro, teria

dado muito que fazer para chegar a uma solução satisfatória neste conjunto de problemas, e impor a sua vontade, o seu poder, e o seu programa. Essa burguesia não existia na Rússia. Como classe capitalista, a russa estava nos inícios. Débil, mal organizada, sem tradição nem experiência histórica, não podia esperar qualquer sucesso. Tampouco desenvolvia alguma atividade.

Devendo representar, em princípio, uma burguesia quase inexistente e ineficaz, o governo provisório estava fatalmente condenado a trabalhar no vácuo. Esta foi, sem dúvida, a principal causa de seu fracasso.

**\* Este texto foi composto por dois capítulos do livro *A Revolução Desconhecida* de Volin, publicado postumamente em 1945. Tradução: Pablo Mizraji, a partir da versão em espanhol *La Revolución Desconocida* (Portal Libertario OACA, Disponível em: [http://www.fondation-besnard.org/article.php3?id\\_article=1708](http://www.fondation-besnard.org/article.php3?id_article=1708)). ITHA, 2017.**